

O mexicano que levou Reed à tela fala da crise do cinema no Terceiro Mundo

UM CINEASTA INSURGENTE

Walter Carvalho

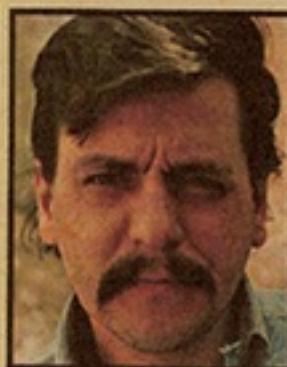
Mesmo sem um lançamento à altura de sua importância dentro do cinema do Terceiro Mundo, México Insurgente, que Paul Leduc realizou com base na obra homônima de John Reed, deu a seu autor um relativo prestígio, que ele soube aproveitar para obter os meios necessários à produção de sua segunda obra, Mezquital, ora em fase de lançamento.

Leduc é um mexicano descendente de franceses, ainda na casa dos 30, e trava na Cidade do México uma luta semelhante à que os diretores brasileiros, oriundos do Cinema Novo, enfrentam no Brasil. Em

seu escritório num bairro afastado do Centro, onde ruelas estreitas e tortas fazem lembrar o morro de Santa Teresa, no Rio, ele fala das dificuldades para produzir México Insurgente.

O ambiente, a sua figura física (moreno, bigodes, cabelos escorridos), e principalmente suas colocações em torno do movimento cinematográfico mexicano trazem de imediato à mente a semelhança cultural e a identidade de problemas que apresentam as cinematografias do México e do Brasil, as mais importantes do continente latino-americano.

A história do filme é o seguinte: originalmente, contávamos com muito poucos meios, e trabalhávamos de maneira independente, em 16mm e branco e preto. Tínhamos uma equipe de aproximadamente umas 10 pessoas, e um capital muito reduzido, tão foi no final de gestão do Presidente Gustavo Ordaz, e o filme, por escassez de recursos, levou muito tempo para ser editado, cerca de um ano entre o final das filmagens e a primeira cópia. Enquanto isso, houve mudança de Presidente. Entrou Echeverría, e seu irmão, Roberto Echeverría, foi para o Banco Cinematográfico, que controla todas as atividades referentes à nossa produção. Cabe lembrar que quando filmamos México Insurgente, tínhamos em mente um plano mais amplo, que incluía outras pessoas, não apenas realizadores, mas gente de cinema em geral, visando à formação de uma cadeia paralela de distribuição, inclusive de forma a podermos exportar nossa produção. No entanto, transcorrido um ano entre as filmagens e a primeira cópia, o nosso projeto de distribuição acabou não se realizando. Não havia como exibir o filme, e isso ocorria justamente num momento de mudanças no ambiente da indústria cinematográfica mexicana, decorrentes do próprio contexto político nacional. As primeiras projeções que fizemos da película, naturalmente para atores, técnicos,



O ambiente, a sua figura física (moreno, bigode, cabelos lisos) e suas colocações sobre o cinema mexicano põem em evidência as semelhanças culturais e a identidade de problemas que aproximam México e Brasil

críticos e amigos, provocou um pequeno movimento de simpatia em torno da obra. Eles propunham — contra minha expectativa — sua legalização pelo Banco Cinematográfico. Meus amigos dizem que, se o regime que entrava tinha como bandeira a abertura democrática, e Roberto Echeverría dizia que ia reestruturar o cinema mexicano em todos os níveis, um primeiro passo seria permitir que o filme, realizado fora de todos os canais oficiais (sindicais, censura, etc.), tivesse acesso à distribuição normal, que em nosso país está centralizada num monopólio do Estado. Este, através de uma série de mecanismos e organismos, controla a produção, distribuição e exibição. O sistema faz com que uma fita como México Insurgente não encontre circulação fora dos cineclubes e em sessões privadas.

Assim é que, cedendo às pressões da imprensa, o Banco Cinematográfico nos fez a oferta de acabamento da película, que seria ampliada para 35 mm, permitindo-nos trabalhar de acordo com as normas dos sindicatos (na verdade, em nossa reduzida equipe, só uma parte era sindicalizada); pagar gastos de cópias e lançar o filme dentro de uma distribuição normal. Discutimos muito em nosso grupo, e não chegamos a uma opinião unânime sobre a proposta do Banco. Ao final, porém, cometemos o erro de aceitar a oferta e legalizar o filme, com o que conseguimos (pen-

sávamos) uma distribuição bastante eficiente, pelo menos na Cidade do México. Esperávamos ter um certo controle sobre nosso trabalho, mas o que resultou foi que, embora México Insurgente tenha servido de bandeira para demonstrar uma suposta abertura democrática, e uma suposta reestruturação dentro do esquema do cinema do México, atualmente nós não controlamos nada. O filme é exibido em vários países e nós calmos na boca do lobo.

Passo agora à primeira pergunta, sobre a importância que têm películas como México Insurgente no contexto do cinema mexicano. Ora, respeitando a realidade local, caberia diferenciar as coisas, a partir do erro já referido. Em primeiro lugar, vem-me à mente uma frase de Giluber Rocha. Referindo-se ao Cinema Novo brasileiro, ele diz mais ou menos o seguinte (Leduc cita de memória, pedindo desculpas pela imprecisão das palavras): "A velha estupidez era tão grande, que nossos filmes apareciam como revolucionários, quando na verdade não passavam de reformistas". Essa experiência, vista com o tempo, tanto a nossa pessoal, no caso do México, como algumas coisas do cinema brasileiro, nos coloca frente a frente com a contradição em que se move o cinema na América Latina, no Terceiro Mundo, e talvez no mundo inteiro. Nesse ponto, eu me atreveria a tirar algumas conclusões. Por um



do, vejo as possibilidades e limitações, ao mesmo tempo, do papel que o cinema desempenha no processo revolucionário, e este seria um tema talvez demasiado abrangente para abordar aqui. Por outro lado, o cinema, enquanto fenômeno não condicionado por custos de produção, problemas de distribuição, de censura, etc. e pretendendo apresentar-se como uma vanguarda num contexto ao qual se opõe, tem de estar ligado, necessariamente, a movimentos políticos mais amplos. O cinema brasileiro surgiu numa conjuntura política que permitiu que 30 diretores, independentemente de matizes, de ideias, se unificassem não só segundo um critério ideológico, mas inclusive em empresas de produção e distribuição, que conseguiram criar um movimento. Se analisarmos os diferentes casos em que, na América Latina, têm surgido movimentos mais ou menos significativos, e cineastas mais ou menos importantes dentro

desta corrente, perceberemos que geralmente estão ligados, pelo menos no momento em que surgem, a movimentos políticos. No caso do México, a oposição política é muito raquítica, sem maior expressão. Daí que o cinema que se produz, mesmo apresentando uma problemática de autor, se vê condicionado a uma posição de isolamento, manifestando posições individuais, na medida em que não repercute politicamente, não apóia uma infra-estrutura política, quer sejam Partidos, sindicatos, estudantes ou qualquer forma que lhe permita canalizar e ter contato com o público.

— Esta situação, no México, começa lentamente a mudar, uma vez que surgem também formas e possibilidades de organização política mais importantes que as anteriores. Esta volta é para colocar mais claramente minha resposta à pergunta. Quando os filmes, como no caso de *México Insurgente*, não se podem ligar a um movimento político mais amplo, são

Em seu escritório, em um subúrbio da Cidade do México, Leduc falou de seu filme, que começou como uma produção independente e terminou recebendo ajuda — e interferência — do Estado. Hoje, ele não tem mais controle sobre a obra.

quase sempre assimilados pelo sistema. Independente, em todos os casos, da boa ou má qualidade do material. Vivia então, a terceira pergunta: "Que importância têm os grupos de cineastas independentes no México?" Pois creio que se deduz por si mesma a resposta, uma vez que o que se tem feito aqui é bastante débil na medida em que, como dizia há pouco, se existem alguns filmes interessantes, que apresentam uma problemática oportuna, eles são submersos a exibições de muito pouco espectadores, os que estão próximo da ideologia do realizador. E ainda quando não se trata de filmes que apresentem uma posição de cinema de autor, vêem-se reduzidos a essa posição. Quer dizer, pessoalmente considero que o papel do cinema não se limita a conseguir uma película e filmá-la, o fenômeno do cinema não pode considerar-se terminado antes de chegar à massa de espectadores. Neste sentido quase tudo que se tem feito no México revela-se de escassa importância, salvo para uma história do cinema estritamente estética, onde poderíamos considerar altos e baixos entre umas películas e outras. Mas acredito que não é este o caminho que nos interessa.

A uma pergunta sobre a possibilidade de formação de um mercado comum de filmes dos países latino-americanos, Leduc parece muito vontade para responder:

— Bom, precisamente a situação que eu lhe descrevia no caso do México, nas primeiras respostas constatamos há pouco no Encontro de Cineastas Latino-americanos, em Caracas, que refletiu a problemática de quase todos nós no resto do continente. De qualquer forma, temos de resolver não só o problema da produção de nossos filmes, e o de sua concepção ideológica, mas também o da distribuição, que permita que nossas obras repercutam totalmente, tendo contato com o público. Para a complexa situação política do continente em seu conjunto, as formas serão variadas e devem ser adequadas a cada caso, mas é mais importante para todos nós afastar uma concepção nacionalista, com uma distribuição unicamente dentro de nosso próprio território. Devemos pensar como cidadãos de um continente, e não de um país, apesar das diferenças e matizes ou de graus de evolução. Nossa problemática é comum, e se nossos filmes correspondem a nossas situações nacionais, devem responder a uma situação global latino-americana, merecendo o contato com o público em geral da América Latina. Infelizmente, o problema de distribuição de nossos filmes por todo continente, de nos conhecermos uns aos outros através do cinema, é bastante complexo, e até agora se encontra numa etapa apenas embrionária. No entanto, por isso e pelo que lhe dizia nas primeiras respostas, também os realizadores latino-americanos devem dedicar boa parte de esforços não só à realização de filmes, mas também à criação desses mecanismos de distribuição, primeiro em nível nacional, e sem esquecer jamais de buscar soluções para que se chegue a nível continental, com as formas de cada país onde isto se torne possível. ●